



Camila Souza



H A B I T A T



*ANA CLARA FONSECA  
CHRIS BERNOTAVICIUS  
DANILO LUMIANO  
DOUGLAS GOMES NALINI DE OLIVEIRA  
EDUARDA VAZ  
EZEQUIAS ADOLFO DOMINGAS CASSELA  
FLÁVIA MANTOVANI  
GABRIEL GALBIATTI NUNES & VICTOR PRADO  
GABRIELA ANTONIELLO  
GILMAR DE SOUZA PINTO  
GUILHERME FERREIRA  
ISABELA LOVATO  
ISADORA FERNANDES CARVALHO  
JÉSSICA FERREIRA FÉLIX  
JOÃO PEDRO COSTA  
LEANDRO DE NEGREIROS P. DOS SANTOS  
LEONARDO DIAS DE PAULA  
LORENA SILVA GOMES  
MÁRCIA FERNANDES  
MARCUS FLÁVIO DE ANDRADE  
MARÍLIA BOTELHO SOARES DUTRA FERNANDES  
PRISCILA LUANA  
REBECA SIMAS  
TÂNIA MARA PINTO DE SOUSA  
VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ  
VICTOR H. AZEVEDO  
WARLEM DIMAS MARQUES  
YANDARA OLIVEIRA  
YASMIN BIDIM  
ZÉ GUILHERME*

# NOTA-SE

*Por Gabriel Galbiatti Nunes  
& Victor Prado*

Escrevo porque quero a lembrança,  
porque preciso entrar em chamas pelas  
paredes da memória

Agora, estou aqui entre as visões e os papéis  
e sinto minha boca cheia com o sangue dos dias

Viver ainda é proibido

Ligo a torneira, cuspo e vejo a água e o sangue  
da minha boca escorrerem para o esgoto

Sinto eles se misturarem ao sangue do mundo  
no fundo da latrina escura de um deserto qualquer.  
É o ruído, ouve?, que denuncia o destino das palavras

Quando foi isso? Hoje, ontem?  
Veja! Nos jornais, é quinta! e a glória  
foi silenciada nesse mundo

O que, para além dos jornais, nos diz  
que o mundo ainda existe? Ou, ainda,  
será que há chances de durar este mundo  
que existe nos jornais?

Viver ainda é proibido  
se cada abraço é feito de tropeços



Então, como ajustar o passo e seguir o caminho?  
Isto é, se os tropeços não nos fizerem  
abraçar para sempre o chão com nossas bocas  
cheias de areia, sono e febre

Saio de casa e vou à padaria,  
sozinho às vezes acompanhado  
Saio de casa e vou ao passado,  
busco nesse caminho encontrar outra forma  
de aprender a não tropeçar

Há algo vivo no passado, algo com músculos  
e impulsos. Lá conheço e sou conhecido.  
Também há ruínas ainda desabando  
e atirando pedras frente ao meu caminho.  
Brinco de amarelinha, mas substituo o céu  
pela alegria, a única prova dos nove  
que ainda me interessa

Na memória, pinço os sorrisos  
sufocados pelas máscaras. Na memória,  
busco a narrativa dos nossos movimentos  
e o lugar que a casa ocupa em mim

A memória é o fio de *Ariadne* que prendo  
aos meus pés para que eu conheça a direção do futuro

E, de repente, a areia nos olhos começa  
a se dissipar e vejo aquilo que faço

Escrevo para reescrever a narrativa da história  
para possuir a lembrança. Porque possuir a lembrança  
é possuir também o passado. E possuir o passado  
é a única forma de inventar o presente, a única forma  
de viabilizar o futuro que quero conhecer

Possuir a lembrança, não pelo método conservador,  
que ergue um altar ao que foi e o adora e o falseia

Possuir a lembrança como quem dissipa o silêncio  
com a dança, como quem vira o tempo  
com as próprias mãos.



**Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado** são  
responsáveis, juntamente com **Lígia Sene**, pela  
**Artefato Edições.**



*Eles combinaram de nos matar,  
nós combinamos de não morrer.*

Conceição Evaristo

# HABITAT

- 04     **NOTA-SE**  
*Gabriel Galbiatti Nunes & Victor Prado*
- 11     **QUINAS**
- 12     **VARAL**
- 15     **O caos está sem lugar**  
*Ana Clara Fonseca*
- 17     ***Agora tenho as conversas mais intimas***  
*Chris Bernotavicius*
- 19     **X ou ch**  
*Danilo Lumiano*
- 20     **Me ajude com o fim**  
*Douglas Gomes Nalini de Oliveira*
- 22     **Passagem para, às sete**  
*Eduarda Vaz*
- 24     **Importância da matemática no controle da propagação da Covid-19, com vista à intensificação das medidas preventivas**  
*Ezequias Adolfo Domingas Cassela*



- 27 **Aula de teatro**  
*Flávia Mantovani*
- 30 **[colagem]**  
*Gabriela Antoniello*
- 31 **Luas de maio**  
*Gilmar de Souza Pinto*
- 35 **Prisioneiro do lar**  
*Guilherme Ferreira*
- 37 **Despertar**  
*Isabela Lovato*
- 39 **Desabafo em Paineira, isso é um assassinato**  
*Isadora Fernandes Carvalho*
- 42 **Passeios de quintas**  
*Jéssica Ferreira Félix*
- 44 **Corpo sancto**  
*J.P. Schwenck*
- 47 **Do irrepreensível diálogo natural e suas linguagens**  
*Leandro de Negreiros P. dos Santos*
- 50 **U**  
*Leonardo Dias de Paula*

- 52     **Destino**  
*Lorena Silva Gomes*
- 54     **Reflexão sobre nada**  
*Márcia Fernandes*
- 55     **Qualquer maneira de amor**  
*Marcus Flávio de Andrade*
- 56     **Rompante no jardim**  
*Marília Botelho Soares Dutra Fernandes*
- 57     **This is not a war**  
*Priscila Luana*
- 59     **[mandala / casario]**  
*Rebeca Simas*
- 60     **Nunca me senti tão só**  
*Tânia Mara Pinto de Sousa*
- 62     **Pérola Negra**  
*Verônica Andrea González*
- 63     **Pony**  
*Victor H. Azevedo*
- 64     **Sonhei que sonhava**  
*Warlem Dimas Marques*
- 66     **Não temos garantias do amanhã**  
*Yandara Oliveira*
- 68     **Corona chronicles #3: o barulho do mundo**  
*Yasmin Bidim*
- 71     **Kernicterus**  
*Zé Guilherme*

# QUINAS

Errar é humano e mesmo quando prestamos muita atenção, às vezes, metemos o mindinho na quina da cama, da mesa, da porta, etc. Com sorte, isso não acontece (muitas vezes) em sequência. Por isso, abrimos a *Quinas*, a seção de erratas da *HABITAT*.

Aqui, sinalizaremos as correções dos erros presentes nas edições anteriores dessa revista. E, para que essa seção não fique vazia logo de cara, já encontramos uma errata a fazer:

1. Na **EDIÇÃO ANTERIOR DA HABITAT**, erramos. Na verdade, nos esquecemos. Esquecemos de dizer que a entrevista com a Camila Souza foi transcrita pelo Gabriel Galbiatti Nunes. Esteja feito o reparo. A lembrança é tudo, ou quase.

Por hora, só temos essa errata. Mas veremos como fica nossa situação na edição seguinte. Ah, caso você note algo estranho ou algum erro nesta edição da *HABITAT*, nos sinalize por email: **CONJUNTOARTEFATO@GMAIL.COM**. Agradecemos o favor!

Boa leitura e um forte abraço virtual,  
Artefato Edições | **ARTEFATO.ART.BR**

## VARAL

*Penduramos algumas sugestões no nosso varal. Fique à vontade para pegar o que quiser e levar para a sua casa.*

///

O *Canal Manifesto* - [canalmanifesto.com](http://canalmanifesto.com) - é uma plataforma multimídia de discussão. Nele, os companheiros debatem as emergências do presente e imaginam a possibilidade de construir um mundo em que sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres, como nas palavras de Rosa Luxemburgo. É um canal de diálogos e de construção de um projeto de esquerda, acolhendo formas diversas do saber. A beleza das letras se alia à força da voz para nos manifestarmos, e esperamos sua companhia para conversar.

# MANIFESTO:



///

Neste mês, lançamos o financiamento coletivo do livro *Por mais fortes que possam ser os teus anseios, você não pode segurar a água*, livro de estreia do escritor Bruno Caldeira. Deixamos aqui um convite para que você conheça a poesia cortante desse jovem poeta. Se você puder, nos ajude a fazer o financiamento coletivo ser bem sucedido e de quebra receba no conforto de casa o exemplar autografado pelo autor, marca-páginas personalizados, posters e zines já publicados por nós.

*Para saber mais, clique aqui.*



Por hora, é isso.  
Boa leitura e um forte abraço virtual,  
Artefato Edições | **ARTEFATO.ART.BR**

# HABITAT

Vejo o chão de areia em sol latente e a cada brisa que passa é uma dança a ser contemplada. Me perguntei se dançar me salvaria. Tem me salvado, e eu nem sei dançar. Me perguntei se não seria pecado dançar enquanto o mundo está um caos.

Me lembrei de Nietzsche enquanto dançava. Eu tinha o caos dentro de mim.

Sou assim, costumo me culpar pelos sentimentos que me tomam por inteira. Tenho uma certa ambição em afirmar por muitas e muitas vezes que eles não deveriam ser parte de mim.

Quando criança interpretei a chuva em uma peça de teatro que contava a história de um grão de areia que queria ser uma estrela. Eu não sou chuva, muito menos estrela. Minúscula e dançante, talvez. Ser uma estrela é maior que ser um grão de areia, mesmo que eu não veja diferença, a não ser somente pela breve distância que o céu ainda não podemos tocar, não a ponto de sentir a superfície estelar no movimento dos nossos pés.

Pela janela eu vejo os grãos de areia se misturarem, entrelaçarem-se, gargalhar-se. Gostaria que meus pés os tivessem tocando em harmonia com o vento que os levanta do chão. Suspensos.

Mas que bobagem, agora percebo que não sou nem mesmo um grão de areia. Somente pés intrusos que por vezes os tocaram.

16 Dentro de mim está um caos.

Lá fora ainda há dança. Aqui, nem tão dentro e nem tão fora, preciso que minha cabeça ordene meu corpo. O mundo precisa de movimento.

Começando por dentro, onde há muito caos.

Finalmente consigo enxergar a fala como expressão artística. Sem som, sem tom.

O tom das cores e dos sons.

Precisa que o mundo se transborde para que se veja a necessidade da arte, que transborda enquanto o mundo está um caos.

Que nos segura dos pés à cabeça, de dentro para fora, que nos mantêm vivos e presentes. Atentos.

Corajosos.

Suficientes.

De novo, Nietzsche.

Onde é que o caos está?

*19 de maio de 2020*



**ANA CLARA FONSECA //**

Sou Ana Clara Fonseca. Jornalista, doula, e mãe. A maternidade foi a maior transformação de mim mesma. Uso da escrita como ponte de sentimentos e vivências diárias. Nascida no interior de SP e recentemente vivendo em terras potiguaras, trilho caminhos de luta e resistência.





Agora tenho as conversas mais íntimas

Porque temos mais tempo  
Posso ouvir o homem abaixo tocando violão  
Ninguém passa, e ele toca mais alto e forte

Posso tê-las, na forma em que eu quiser  
Até posso falar com os políticos na conferência diária  
que todo mundo assiste  
Falando com meu amigo que faleceu há dez anos,  
nós rimos da situação

Amanhã, depois do almoço  
Quando temos a mesma conversa de novo  
Nós faremos algo diferente só para lembrar outra coisa  
Porque temos mais tempo

Quando eu acendo uma vela  
Derrete tão lentamente que posso imaginar a progressão  
Com o alívio de saber que não vou ter que limpar a cera  
por um tempo

18 Porque depois que tudo estiver espalhado,  
não se pode recuperar a solidez

A solidez é saber quando acordar-se e sair da casa

*31 de maio de 2020*



**CHRIS BERNOTAVICIUS //**

Nascido nos EUA, e residente em Cidade de México, tem 39 anos. É especialista na área de relações internacionais com foco na segurança internacional. Divide seu tempo entre trabalho e leitura.



Chico de Holanda  
De Beto,  
Bento, Pedrosa  
Anísio, César, Science, Sá  
Xico, com X ou CH  
Santo, papa, pop, rio  
Tem cara de Brasil  
Mendes, Xavier,  
Pinto, Alencar  
Chiquinha, Xica  
Gonzaga, da Silva  
Da Feira, do peixe, do acarajé  
Do Samba, do terreiro, do Axé  
Das causas impossíveis  
De todas as fés

*poesia escrita no dia do aniversário  
de Chico Buarque, 19 de junho de 2020*



### DANILO LUMIANO //

É poeta e escritor com dois livros publicados: *O Nascimento* (2018) e *O Atirador de Pedras* (2019) Poeta selecionado do Premio Poetize de Novos Poetas da editora Vivara em 2019 e Grafias Eletrônicas da FUNCEB 2019, é também agitador cultural, organizador de saraus, diretor de projetos da casa da cultura de Irará, e durante a quarentena criou a *Live Luminosa*.



Me ajuda a pensar. Você! Sujeito ortodoxo.  
Inteligência adormecida, alienado. Só pensa em comida.  
O sexo, um motivo sem fim, uma saída.  
Tentando lidar com tamanho paradoxo,  
já que tudo é consumo, como consumir a vida?  
Rápido, indolor, acabar com uma batida?  
Fazer tudo o que posso? Querer tudo e qualquer troço?  
Meu erro pode ser achar que você é muito,  
que mascara o que sente, aprendeu a ser surdo.  
Relativiza, traz pro miúdo.  
Ignora a raiva e o grito sai mudo.  
Estaria eu errado sobre você?  
Violência, poder, descendência.  
Logo você que falava em decência  
O que vai fazer?  
Nós somos nossos atos!  
Chega a ser chato, mas a existência quer saber...  
Qual sua posição? Qual seu proceder?  
Parece que vínhamos nos preparando.  
Já deu de passar pano! Não dá mais pra culpar fulano.  
Escolhe o caminho do louco ou do sano?  
Escolhe o governo de nós ou do tirano?  
Escolhe ciência e política, ou o plano?

Que plano, você me pergunta... então vai saber:  
Acabar com tudo logo – a vida, a saída, você!  
Sem tempo pra lamentar, sem tempo pra perceber.

21

*26 de junho de 2020*



**DOUGLAS GOMES NALINI DE OLIVEIRA //**

Professor de filosofia e sociologia, mestre em educação e cientista social. Malabarista, amante das artes circenses e um possível explorador das palavras.



quando  
puxo o zíper da mala  
divido suas metades no chão  
encho cada uma com  
peças pesadas leves roupas íntimas  
me pergunto se preciso daquilo tudo  
se é pouco se vou sentir frio  
quando  
me perco com uma música  
reparo nas paredes no piso  
na cor da lâmpada  
conto quem esteve quem não esteve  
(mas que quis que estivesse)  
conto como eu estive ali  
quando  
sinto uma vontade de largar a mala  
pego o telefone  
mando mensagem  
(amanhã não vou estar aqui)  
quando  
sinto um prazer em arrumar a mala  
penso se alguém vai me receber ou não  
na rodoviária na estação no ponto de ônibus  
quando  
prendo as alças de dentro da mala  
vejo um par de meias debaixo da almofada

não me surpreendo  
quando  
há sempre algo querendo ficar  
quando  
fecho a mala,

nunca sei se estou indo ou voltando

*escrito entre os dias 7 e 10 de maio de 2020*



### EDUARDA VAZ //

(Volta Redonda, 1997) é poeta, professora e revisora. Acredita que a voz, quando se faz palavra, dança. Por isso, escreve. É autora de *Aresta* (Macabéa Edições, 2017) e coautora de *sussurro:cantos de chuvas* (Editora Urutau, 2019). Já publicou poemas em revistas como *mallarmargens*, *Gueto*, *Lavoura*, *Odara* e *Zzzumbido* e, também, em antologias. Licenciou-se em Letras Português/Espanhol pela UFRJ, onde hoje é mestranda em Literaturas Hispânicas.



## **IMPORTÂNCIA DA MATEMÁTICA NO CONTROLE DA PROPAGAÇÃO DA COVID-19, COM VISTA À INTENSIFICAÇÃO DAS MEDIDAS PREVENTIVAS**

O mundo enfrenta uma crise sanitária sem precedente imposta por uma pandemia denominada COVID-19, causando impactos vertiginosos do ponto de vista negativo nas realidades sociais, políticas, culturais e económicas em todo o mundo. O seu efeito catastrófico obrigou governos das nações a nível mundial a decretarem estado de emergência, provocando uma queda económica mundial, refletida na descida do preço do petróleo nos mercados internacionais e uma previsão de perda de mais de 195 milhões de empregos em todo mundo, tal como afirma Guy Ryder, Diretor Geral da Organização Internacional do trabalho em entrevista a Euro-news, publicada no dia 8 de Abril de 2020 e registada na sua página oficial por Patricia Tavares.

O modo de vida das populações alterou-se significativamente, adaptando-se ao combate de uma pandemia que provoca um crescimento exponencial de mortes por cada intervalo de tempo. Tal realidade despertou a preocupação de vários investigadores no âmbito das mais variadas áreas do conhecimento científico, com maior realce ao ramo da medicina, no sentido de se obter uma possível vacina que possa mitigar os efeitos negativos causados pelas infeções desta pandemia.

Por ser uma doença potencialmente infecciosa as autoridades sanitárias ao nível global recomendam a adoção de medidas preventivas por parte de todas as populações com



ênfase ao isolamento social. Paralelamente a esses investigadores, há aqueles que procuram estudar comportamentos sociais para a otimização do controle da propagação deste surto global. Nesta perspectiva o uso da Matemática joga um papel preponderante no equacionamento de casos e no controle do crescimento e decrescimento de infecções, mortes e recuperações através de funções e gráficos de modelos matemáticos variacionais.

Segundo uma informação transmitida pelo portal brasileiro *R7saúde online* no dia 25 de Agosto de 2018, uma especialista brasileira em Biologia Matemática, Shweta Basal afirmou em comunicação pessoal, num encontro promovido pela Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil, no ano de 2018 que “os modelos matemáticos nos permitem realizar a análise de cenários, considerando o impacto de diferentes estratégias na disseminação de uma infecção.”

Por outro lado, Lobachevsky in Clifford Pickover (2009, p.13), afirma que “não existe domínio da matemática, por mais abstrato que seja, que não possa ser algum dia aplicado aos fenômenos do mundo real.”

Os argumentos anteriores têm enquadramento no atual contexto marcado pela pandemia, cujo o controle da propagação com vista a intensificação das medidas preventivas é feito com auxílio do gráfico de uma função exponencial, indicando maior crescimento quando a base é maior que 1, e menor crescimento quando a base está entre zero e 1. Para curvas crescentes, a preocupação de diferentes governos é linearizar a curva no sentido de torná-la uma reta com a inclinação angular nula, para que a situação fique completamente estabilizada.

## 26 **Bibliografia**

Massed, E. *Epidemiologia Geral*. Artes médicas Ltda, Porto Alegre, 1996.

Pickover, C. *O livro da Matemática*. Sterling Publishing, New York, 2009.

*25 de junho de 2020*



### **EZEQUIAS ADOLFO DOMINGAS CASSELA //**

Natural do Cuito, Bié-Angola. Docente universitário afeto a Escola Superior Pedagógica do Bié, Mestre em Matemática para professores pela Universidade da Beira, interior Portugal, licenciado em ensino da Matemática pela Escola Superior Pedagógica do Bié. Leciona a Geometria Analítica, Análise Complexa, Equações diferenciais ordinárias e parciais e Programação matemática.



Junta uma comida, um lugar, um palavrão, uma hora do dia pra inventar uma cena. Em grupo e em três minutos. Te parece bom? Fazíamos isso em março, num passado idílico antes da pandemia que mais parece que foi ontem. Ríamos de brincar de teatro, hora divertidos, hora constrangidos e aos gracejos uns com os outros. Expostos e a postos: para deixar o dia lá fora, fugir da rotina sufocante, inspirar um pouco de arte, dar o abraço na professora. Só eu acho que tem qualquer coisa de muito legal num grupo de teatro desses de quem não faz teatro? Tem sim, só não sei o quê.

É claro que todas as outras coisas que não são só teatro também não são boas à distância, dança, desenho, canto, crochê, tênis, pandeiro, o que for, estamos reconfigurando a presença. Acontece, no entanto, alguma mágica ali num grupo aglomerado, subindo pessoa na outra, se arrastando pelo chão, inventando histórias e improvisando personagens. Escrevo sobre teatro no meu achismo quiçá arrogante de quem apenas gosta, assiste e experimenta, sem qualquer tradição ou currículo.

O teatro tem essa essência na presença. Findo esse instante, tudo é memória. E eu que achei perdido na mochila esse vestígio de aula, esse pedaço de papel surrado com as coisas anotadas pra depois virar uma cena, achei que daria uma boa crônica, mais uma pra eu acumular junto às outras desim-

portâncias e arquivos desorganizados. Não sei se é neurose ou poiesis, vou fazendo crônicas das próprias anotações. Isso porque sou mesmo este ser humano com *paura* do esquecimento e não basta uma recordação, há que se escrever sobre esta recordação e então eternizar a aula em mais um texto e mais um lugar de memória.

Curioso é que a última coisa que fiz, último rolê que dei antes de assumir o isolamento foi uma peça de teatro que abordava a memória por tantos aspectos que fiquei até cansada de ver. Falando assim até parece mentira que um grupo de teatro fez uma peça sobre sua própria história antes dessa coisa toda, será que já sabiam? Eram as memórias do Lume pelo Lume. Ou melhor, essa foi quase a última coisa que fiz na rua, já que dois dias depois estaria em uma agência dos Correios pra postar um artigo de conclusão duma disciplina da pós-graduação pra uma professora. Veja bem, impresso e pelos Correios em pleno 2020. Acho que foi esse meu ritual de despedida do velho mundo: postar papel e ver teatro. Meu pai, que tem umas falas muito boas, costuma dizer que “começo de cantiga é assobio” e, de fato, conseguimos transpor limites, ressignificar narrativas e nos emocionar, claro, com a aula online, nessa presença-ausente que é a interação digital. Sem contato físico, isso era antes.

Mas a virtualização da vida, olha só, não acabou com os afetos. Pelo contrário, a gente se olha pela tela, é inacreditável, mas isso semeia sorrisos. A palavra da moda é reinventar. Pra mim é só um jeito novo de sentir a boa e velha saudade: a aula presencial de teatro virou nostalgia de antes e utopia

pra depois. Pois é. Haverá um pós-pandemia, a gente se (re) encontra lá.

29

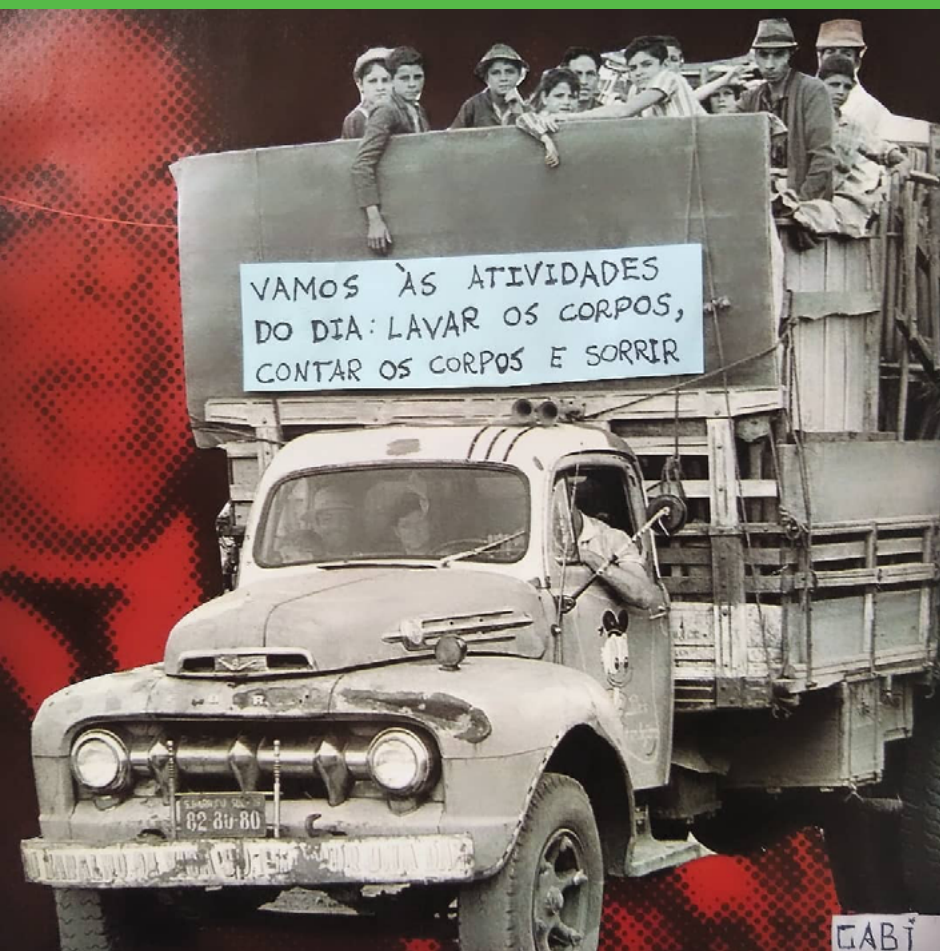
*15 de junho de 2020*



### **FLÁVIA MANTOVANI //**

É professora e doutoranda em História na Unesp - Franca, onde pesquisa Cassandra Rios, a escritora mais censurada do Brasil. Escreve como Bárbara Maria no instagram, sem compromisso algum. Faz teatro por aí e toca um violão sempre que pode. Escritora e inquieta, poeta contemporânea e mais algumas fraudes insistentes.





### GABRIELA ANTONIELLO //

Transeunte das ruas de Uberlândia, estudante de filosofia e -quando as emoções afinam- produtora de colagens manuais que tendem à expressões políticas, possuindo como principal objetivo a tomada de consciência e conversa com as massas.



Conto com vocês... Um, dois ou três, eis meu leitorado - digo que são meus teus ouros pois com paz se faz a aboli(na)ção do “ter, tinha”... Ali babava - essa uva de vida à moda dos 40s (duplamente vintage), com finado Blanc estendido no chão, qual o Xerife Migliaccio, me roubava mis noites a contar e contar para amanhecer com a garganta falaz. Há quem ainda - veja, Minnie, conto pra Si se mostrar - não nos convide: vim te... Antepátio nos aglomera - nem todos ostentam fardões de cumprimentos comensuráveis mas há braços vistos naquelas sorvendo e servindo smiles buscando estreitar os laços entre nós...

- Já as más caras são indisfarçáveis, nem preciso teorizar sobre possíveis traços fenotípicos ou trejeitos que denunciariam uma pessoa antipática... Ela, por exemplo, tece loas ao corpo meio vazio - e só lamento...

Erva uma vez - posso assim contar-lhes caso queiram que o acaso, e não a necessidade, me nine: alea torium est... Amar Lene e Rosa foi seu lado humano podado pelo lado tecnológico - uma Stihl desvivente, 10 a fio entre mato e morro... Eu nunca busquei um futuro onde seria um Eu desejado - fui vivendo e encontrando presentes onde fui um Eu desejante. Mas o presente é intangível, o futuro é volátil e o passado é o que me provê de subsídios para as especulações reflexivas

que tornam o viver essa aventura integralmente derivada do c(a)osmos. Por isso sempre digo/escrevo (mesmo sem crer): “Quem nasceu para estereótipo nunca chega a arquétipo”. Atrás do parto tem um “Quo vadis” pra contar? Diz o tino de oráculo que arbitrariedades podem ser elencadas mas não garantidas. Caprichoso, não? Por tanto em tão pouco tem pois money sem pudor nem suor com prado mesmo Jó queima cio se ela, ex-tribo de couro duro, lhe traz paz & ciência...

- Com toco operativo, foi-se a sexta e suas ex-tórias partilhantes além-sóis...

Vim num parto e quando for eu parto: dada a partida, vida repartida precede morte-partida, fragmentada, num campeonato de muitas partidas onde ainda persigo o jogo... Playin' the game são e salvo... Quem morre viveu vidas análogas e quem vive conta essas histórias em busca de compreensão acerca do que tudo isso swingnifica - por que é tão difícil assumirmos as rédeas de nosso livre-arbítrio e inaugurarmos o futuro conforme desejamos, à revelia do tal “Sistema”?

Cair em si, já que viver em Guadalajara dentro de um figo maduro é tão-somente uma sucessão de sílabas melódicas impressionante! (Isso quem me disse jaz-se, foi...) Lembrou-me quando ler Castañeda era nosso login comunitário: ouvíamos em transe “O que vier eu traço” - Baby con sueño, Yo com larica... Eles sempre estão comigo: Lina, Lara e Luizes... Querem-me também a má Lia, pejorativismo cunhado por quem ama Lia mas não é retribuído...

- Que história é essa do Xirimindá? Veio por aí até ir a ti?



Psiconautas autóctones deliraram como alienígenas em quarentena - seus filhos e suas filhas não reconhecem um padrinho bissexto que (ainda) não foi, apenas circulando nesse picadeiro em que o atirador de facas, tossindo, faz mágica para que o pum de talco do palhaço ofegante não permita nossa visão da calcinha da trapezista febril, noiva do domador de leões - sim, Thomas - com mandíbulas dilatadas por cabeçorras empamonadas. Embarquei...

- Ju, rema...

Fico possesso quando percebo - ou desconfio - que amizades próximas desconhecem a obra de Lars von Trier, de Sérgio Sant'Anna, de Ilo Krugli e/ou de Sérgio Mendes... Com quem co-versar de sujeito nesta fila de UTI? Iguamente não acompanho os papos d'outras galeras por não identificar suas procedências e referências (como a tchurma do Metal, que também não está imune à ferrugem). Quem dali apreciaria estes versos: "aroma - uau - amora/odor a rodo"?

- Vá, sina...

Palavras - quem as lavra? Penso logo, hesito divagar... Mas existo ainda que penso... Como quem diz "Penso" - que êxito (quesito apenso)!

- Diz "Para, dor"...

Segue-a sempre à vista: ou vê ou vida - havia rumores de amores, paixão nada olvida...

- Por mim, ESC se cegue o mau-olhado...

34 - Arque-o, Logia: futuróglifo ressonanciado sempre sente - mesmo sem presente...

*O texto “Luares de Maio” foi composto no decorrer do mês de maio, entre a Lua Cheia (dia 10) e o Quarto Crescente (dia 31).*

### **GILMAR DE SOUZA PINTO //**

É graduado em Nutrição (UFMT/1994) e em Antropologia (UFRR/2016). Atualmente é Indigenista Especializado concursado em 2010 e efetivo na Fundação Nacional do Índio - FUNAI em Boa Vista/Roraima. Poeta bissexto, gestou e geriu, no período de 1987 a 1994, o SÊBO ÊMIO, um comércio de livros usados mambente que itinerava pelos corredores do campus da UFMT em Cuiabá. Considera-se original e inédito. Ainda não agregou perfil a redes sociais.



Quero mais que mande a morte  
Onde lá a noite dança  
Onde lá a dor é mansa  
Onde lá eu sou mais forte

Quero mais que anoiteça  
Onde a lua brilha clara  
Onde o brilho vem na cara  
Onde eu desapareça

O vento bate na janela  
A noite escura me conforta  
Tranque-me em uma cela  
Que a alegria caia morta

Senhor, leve-me daqui!  
Vosso filho já não te serve  
De seu lar eu já saí  
Espero te ver em breve

Os dias passam devagar  
Aqui o tempo gira ao contrário  
Nenhum relógio me vislumbrar  
Há tempos perdi o horário

Quero logo um mundo livre  
Sem polares, união

36 Em minha cabeça só há calibres  
E ninguém de pé no chão

Ladainhas são faladas  
Curvadas não merecidas  
Filhos com vidas tiradas  
Pense ó Pai! Nas mães queridas

Prisioneiro em próprio lar  
Perdi afetos, amigos e minhas asas  
Perdi família, amores, quero voltar  
O temor reside a plaga de minha casa

O medo invade, mas é melhor  
Sem ele não sobrevivo  
Com ele penso sempre o pior  
Nele mora, meu sofrer e meu delírio

Resquício de esperança não aparece  
Vem lembranças do último dia normal  
Isso me dói, me entristece  
Será esse o nosso final?

*26 de junho de 2020*



### **GUILHERME FERREIRA //**

Sou de Franca-SP, tenho 16 anos, faço o 2º ano do colegial na Etec Dr. Julio Cardoso. Sempre gostei muito de arte. Hoje em dia gosto muito de escrever, compor, cantar e tocar violão. Na escola, sou muito apegado a filosofia, gosto de história, amo português e adoro literatura. Gosto muito de MPB, principalmente Belchior e o lendário Clube da Esquina onde tiro inspiração para escrever e compor.



Tique-taque.

O pesadelo de coroas flutuantes interrompido com a urgência do despertador e suas ondas, que hoje parecem sinos de catedral.

Estamos salvas.

A relva serenada pela noite se faz seca com a luz quente que inunda o quarto. O aroma do café invade meu ser sorridente, que se espreguiça como as gavinhas verdejantes que se agarram à minha janela aberta.

Estamos vivas.

Mais vivas também me parecem as cores das frutas na tigela, cujo sumo vermelho e doce me transporta para fora da minha gaiola, onde me empoleirei, sem canto, pelos últimos dias dos quais me recordo... ou foram anos?

Tique-taque.

Ouçõ o sangue correndo nas veias e as batidas de um coração vulcânico entrando em erupção.

Abro a porta. Olhos marejados de lava espalham cinzas pela face.

13 de maio de 2020



### ISABELA LOVATO //

É uma apaixonada pelo mundo da arte. Eterna criança, nascida e criada em Curitiba, decidiu se dedicar profissionalmente à sua paixão em 2015, ingressando no curso Letras- Português/Inglês na UTFPR. Hoje, mestranda na mesma instituição, continua compartilhando sua pululante imaginação através de seus textos e também de pinturas e desenhos. Vê graça em tudo e se delicia com coisas simples, como visitar seus avós e cultivar chuchus.



Demarcava quase mês de quarentena, em um país sem restrições ou maiores definições sobre o ir e vir e onde evitar perambular é quase pessoal. Esse dia, por acaso precisei passar pela Av. Rondon Pacheco, saí da Municípios e entrei.

É quarentena, mas havia uns 7 vendedores ambulantes no sinaleiro. Morango, jujuba, aroma de carro e borracha de para-brisa. Recuso e agradeço de janela fechada. E reflito um pouco. Na Rondon, um tanto antes de pegar aquela vergonhosa ponte, não pelo espaço dos carros, mas das pessoas, vi a cena que me pesou o coração. Eu nem sabia que aquele lugar estava em obras. É a construção de um elevador para melhorar a circulação dos automóveis e que, mais uma vez, sai da escala humana.



## 40 MAS A CIDADE PRECISA CRESCER, PRECISA PROGREDIR.

A manipulação e distorção progressista que exclui o básico e faz da população tão eficientemente distraída, que se re-troalimenta sem as menores dificuldades.

Uberlândia, uma cidade de cerca de 600 mil habitantes e que você mal vê pessoas nas ruas. Mas há tantos carros, que talvez isso passe despercebido.

A Rondon Pacheco, avenida principal da cidade, se dá muitas vezes deserta de pedestres, exceto quando eles estão correndo de um lado para o outro tentando atravessar. E de tempos em tempos, menos retornos, menos sinaleiros, menos pausas e menos pessoas. Cada vez mais perigosa, árida, sinônimo de barreira e local de criminalidades. E isso resulta de planejamentos feitos pela administração da cidade, tudo era previsível.

os laços que criamos com a cidade? Com qual e facilidade nós os perdemos? Esquecemos?

mos que pertencemos a algum lugar?

emos que os lugares e seres presentes precisam im como nós precisamos deles?

eviver sem um link socioambiental na nossa criação, imano?

e o intuito findou em ser habitantes soltos por uma ninguém sente que este solo realmente os pertence?



eria tão fácil mudar de cidade... eu mudaria este o... Aliás, quem não tem restrições financeiras, porquê o que que essa cidade oferece para mim, as não?

## A QUESTÃO É O BÁSICO



Talvez.

Quantas árvores não são c

Quantas já foram?

Até quando vamos falar: "uma árvore...?"

**Constantemente, uma a m**

Mas é que todo ano, eu inverno para ver aquela pa inteirinha rosa e alegrar me nos sem contato com a natu

Aliás, quando foi o último que você viu?

A paineira foi cortada.

Foram assassinados: Seus tr sua sombra, sua beleza e trição para ar. capacidade de acolher.

Quando foi a última vez sentou embaixo de uma árv

**Mas a cidade precisa evol**

**Não há espaço para árvores e espaços livres.**

**Não existe isso de con natureza, não nesta c evoluida.**



Vai. É pra ser rápido. É pra ser evoluído como as avenidas das grandes cidades. Vai, pode dividir a cidade ao meio. Não é preciso pensar em como as pessoas andariam a pé ou de bicicleta. Nem em árvores. Nem em água. Nem em pássaros. Nem em pessoas. Nem em vida.

É permitido, há pressa. A cidade não pode parar. Afinal, preciso correr, quem anda de carro certamente chega depois! Né?! A prioridade é minha! Não é possível ter sinaleiros e faixas de pedestres. Nem há pedestres!

Não há? Ou a existência foi feita impossível?

Na semana passada foi permitido o retorno de vários comércios. Pode acontecer de talvez você passar pela ponte Benjamin Carvalho e notar algo diferente, um vazio.

Bom, à toda minha cidade, aos que sentem e aos que não sentem,

Meus pêsames.

Pois aqui não temos só mais uma árvore cortada, temos a materialização de que continuamos no caminho contrário ao que significa uma cidade acolhedora, sustentável, viva e boa de se viver.



### **ISADORA FERNANDES CARVALHO //**

22 anos, aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFU. Membro do Núcleo de Estudos Urbanos na Pesquisa: Análise dos Espaços Livres de Uberlândia e de loteamentos de Interesse Social: O Caso MCMV, em 2018. Mobilidade Internacional em Arquitetura Paisagista na Ualg, Portugal, 2019. Desde a volta, retornei para o coletivo FLUTUA.



No meu quintal, todo dia é igual  
Através do olhar, acesso o céu  
Azul, límpido, transformado  
Ressignificado e resignificando  
Sóis, extraio raios, calores, cores  
Sentimentos e sentidos  
Que me ajudam a prosseguir.

Aqui dentro, meu coração aperta  
Crise. Crises.  
A ansiedade invade e espeta  
Meu quintal interno  
Meu quintal silencioso e calmo.  
A ansiedade expande em dores  
Incômodos  
E desejos de ficar bem  
O quanto antes.

Escrevo pra te alcançar  
Me comunicar  
E desejar  
Respiros, sonhos, esperanças  
Ausência de crises  
Presença de bem estar  
Belezas que colorem  
Avisos pacíficos

Olhares saudáveis.  
Se dor, para aprendizados.  
Fé e força.

E  
que  
solidões  
convertam-se  
em  
solitudes.

*23 de junho de 2020*



### **JÉSSICA FERREIRA FÉLIX //**

Dos anos 90, preta, paulista e canceriana. Sou graduada em Letras e mestranda da área de Estudos Literários pela Universidade Federal de São Paulo.

Gosto de poesia (seja em versos, prosas, pessoas, cores, gentilezas, sorrisos, sentimentos), de escritas diversas e de leituras que me atravessem.



Enobrece o fálico espírito  
De um animal transicionado  
Que nu, se retorce em meio à sua bandeira  
Rasteja-se com fome  
Urra em contato com o pano amassado  
Protege-se com os movimentos involuntários  
De defesa e não defesa.

Inerte, encontra um semelhante no escuro  
Dividem gritos seculares  
Balbuciam palavras de ordem, se conectam  
Jaz na terra o pano bruto e excretado  
Molhado e maltratado  
Os dois se encontram em um mesmo espaço e se conectam  
Se cheiram, clima tépido, fluídos que dançam  
Os orifícios gritam em uníssono.

E logo já não há mais direção da cena  
Os dois corpos se beijam com raiva  
Em meio ao escuro que se expande  
Revela um cenário duplo cromático  
Num ato de justiça, os dois gritam um para o outro  
Os movimentos se alternam violentamente  
Há o toque, a mordida serena e demoníaca

O corpo muta. Precipitam os batimentos cardíacos  
E logo eles descontrolam.

Há a mordida, a violência, as mãos que entrelaçam,  
Que se atravessam  
Os membros que se unem em um só  
Há o plug, a mágica, a memória  
O cenário agora se alterna. Tudo ali está desgovernado.  
Tudo está perdido.

Já não há mais atenção no desastre  
O desespero, o desgoverno.  
A avalanche da mente sucumbe os desejos  
E os desejos são tremendos a ponto de fazer surgir  
Uma hecatombe ululando as partes baixas.

E o fervor continua e aumenta. Os corpos se chocam  
Com ódio, se alargam, se dominam.  
Os olhares se desgovernam, os restos dos dentes rangem,  
Os dedos sangram, as mãos e pés calejam, avermelham.

Há o sangue, aos montes  
O suor em bicas  
A destruição dos corpos, a reputação da vida  
A hecatombe deixada  
O gozo do prazer obscuro  
Tudo isso despejado no pano.  
Já não há mais pano, muito menos bandeira  
já não há mais corpo, nem sangue, nem gozo, nem suor,

46 Sem lágrima  
Nem alma, nem espírito.

Tudo chegou ao fim.

*12 de abril de 2020*



**J.P SCHWENCK //**

É um artista carioca. Escreve, fotografa, produz músicas e vídeos experimentais. em 2020, publicou *Opus*, seu primeiro livro de forma totalmente independente.



Quando se encontraram pela última vez deixaram pendendo no teto do quarto algumas palavras mal elaboradas e um sem-fim de pequenas queixas. No chão, peças surradas que cobriam intimidades urgentes, a umidade de corpos estendidos exaustos, dedos ansiosos por deslizar em círculos ao longo de curvas e declives, cinzas de bitucas folgadas que reivindicavam para si cantos específicos e por lá se amontoavam. Quiseram os dois se instalar um no outro, fazendo-se ambos morada e hospedagem passageira durante o sereno de fins de março e se deixaram levar pela dureza da cerâmica amarelada, explorando a arquitetura embrutecida do pequeno apartamento sem tempo para inclinarem-se em colchão ou cobrirem-se em lençol. Ela sabia antes mesmo de ouvir o baque surdo na madeira que ele estava feito pequeno obelisco parado do outro lado, encarando com tímida euforia o momento de se fazer chamar: batia à porta. Ele, com toda essa reticência ensaiada, não queria mostrar-se apressado ou demasiado invasivo, mas por dentro ansiava como menino-moleque em tempos de primeiro beijo. “Por que?”, pensava, com os dedos em nó após bater duas vezes. Ela, por sua vez, hesitante, suspirava “será?” – nenhum dos dois, diga-se, tinha a mínima inclinação romântica ou sequer fantasiavam lendas apaixonadas, até porque esta não é uma história de amor. Rememorando a noite em mensagens instantâneas, tempos depois, iriam rir contidamente, cada um diante de

sua multicolorida tela digital, ao compartilharem as dúvidas absurdas que lhes invadiram de rompante naquela altura. “Chovia?”, perguntariam um ao outro. Não sabiam ou não tinham certeza, pois tão logo passada a anestesia da incerteza, ela abriu a porta alguns centímetros e o viu dissimulando tranquilidade, fitando o movimento da maçaneta. Suas mãos se encontraram primeiro que seus lábios e guiaram a corrente cadenciada de pequenas carícias que vieram a seguir. Já sabemos que os dois exploraram com devida avidez o que puderam dos cômodos apertados, sem se apegarem ao conforto dos corpos em repouso. Sejam os francos: pouco repousaram naquela noite. Beberam quando houve sede, “aquele vinho doce lá que você tinha”, ele diria. Fumaram também, a exemplo das bitucas intrusas das quais já tomamos ciência. Não sabiam que aquele seria o último encontro vigilante que teriam e, por isso mesmo, desprezaram as formalidades do contato inicial, as preliminares alimentícias, a conversa abobada que embala os primeiros contatos da pele – por tanta pressa pagaram, também, o alto preço da ausência de filosofias baratas e piadinhas indiscretas que coroam os instantes de languidez após o leve estouro da saciedade. Não que houvesse entre eles a barreira natural do distanciamento respeitoso; ao contrário, não lhes faltariam motivos ou assuntos dos mais variados, no entanto, por simples falta de interesse, naquela noite específica ambos decidiram falar com os corpos e elaboraram durante muito tempo linguagens particulares para comunicar o irrepreensível diálogo da madrugada. “Cansado?”, ela perguntou, ao que ele respondeu meneando a cabeça com fingida segurança, inclinando-se em sua direção. Estavam cansados sim, mas não iriam desabafar sobre a força estranha e alheia que tensionava os dias anteriores ao



encontro, uma vez que a segura ignorância daquele espaço os impedia de falar sinceramente. Lá fora, não tão distante do apartamento-refúgio, aproximava-se uma tempestade biológica proporcionalmente superior aos acontecimentos mais intensos experienciados nos últimos anos, tal como os atentados de 2001 às Torres Gêmeas ou a morte de Hebe Carmargo – convenhamos, uma perda irreparável sobre a qual, curiosamente, conversariam os dois em algum momento das trocas de mensagens futuras. Não lhes ocorria, assim como aos outros tantos amantes desesperados, que o toque pele a pele seria artigo de luxo dentro em pouco e os diálogos urgentes ensaiados à meia-luz tornar-se-iam solilóquios ressentidos. A bem da verdade, para além daquelas paredes mínimas que recolhiam o pouco bem-estar genuíno reinante no território incerto dos mortais, aproximava-se o fim de ciclos e o início de novos mais caóticos, capazes de subjugar até mesmo a natureza selvagem do homem-mercado. Meses depois, ainda separados pelo exílio necessário, os dois se lembrariam da longa noite de diálogo não verbalizado que antecedeu as manchetes: memória que acalmaria ânimos em dias apáticos. Por ora, poupemo-nos dos detalhes do rito de despedida por respeito à intimidade dos dois e, em último caso, para preservar nestas palavras o mistério do fim. Basta dizer que pouco antes dos primeiros raios de sol reaprendê-los, estirados na sala confidenciando sussurros, olharam inocentemente pela janela mal sabendo o que lhes aguardava na curva da esquina das semanas seguintes.



### **LEANDRO DE NEGREIROS P. DOS SANTOS //**

Natural de Ribeirão Preto e formado em Letras pela Unesp de Araraquara, escreve quando pode e se considera pertinente. Há tempos passou a analisar mais os textos alheios por necessidade da profissão de revisor, mas sem perder o carinho pelas próprias palavras.



terra,  
esse geoide estúpido que rodopia sobre seu próprio ventre,  
cravejado de violência, fome,  
e peste.  
é nessa esfera que plutocratas se aventuram  
a transformar máquinas em monstros  
estendem grilhões sobre todo o solo e toda a água.  
acorrentam-nos à propriedade,  
ao concreto e ao éter.  
Pela ventura do tempo,  
Nesse recanto imundo do firmamento,  
Sobrevive também o belo.  
Muito além do relevo natural,  
Materializa-se em um entrelaçar de dedos.  
Pode ser amor, fraternidade, ira,  
Pode ser crença.  
Ao cruzar os dedos,  
Cerrá-los sobre a almofada da mão,  
Um bicho bípede é capaz de se solidarizar com seu igual.  
Tremula uma bandeira negra ou rubra que brada “Liberdade”,  
Une as mãos a quem está ao seu ombro.  
Ousado, traça o papel.  
Relembra Drummond, Gullar, Assis e Orwell;  
Cecília, Campilho, Conceição e Le Guin.  
Imagina que esse mundo pode ser melhor  
E caminha de mãos dadas

Rumo a um horizonte que se afasta,  
Mas que o põe em marcha sem esmorecer.

51

*14 de junho de 2020*  
*Faltam duzentos para acabar o ano.*  
*É aniversário de Ernesto Guevara*  
*e de Wilson das Neves.*



### **LEONARDO DIAS DE PAULA //**

É internacionalista por formação e revisor por profissão. Nas horas vagas finge ser músico e escritor. Espera que amar e mudar as coisas continuem a nos interessar mais. Pode ser encontrado no instagram e no twitter.



Vivemos hoje  
Algo que se mostra antigo  
Algo que o mundo vivencia  
Há anos a fio  
Há anos ele desafia a humanidade  
Há anos ele a invoca  
A acordar, e ser de verdade  
Mas sempre muito ocupados  
Continuamos fingindo  
Não ver  
A dor  
Que muitas vezes  
Percebendo  
Ou sem perceber  
Fazemos o outro  
Se desmanchar de tanto sofrer

Por favor  
O mundo pede o tempo todo  
Ele clama  
A alma humana  
Que não o deixe sangrar  
Por favor  
Parem de se matar  
Parem de se odiar  
Não deixem de se importar

E os gritos sempre abafados  
Pelo nosso ego inflado

Às vezes, paramos para observar  
E logo deixamos de lado  
Mais uma vez pra nos olhar  
E aí  
Onde estamos agora ?  
Eu vou te dizer  
Estamos onde temos que estar  
Por merecimento nosso  
Por termos alguns dias  
Há muitos anos  
Desistido  
Hoje fomos colocados  
De castigo  
Somos  
Prisioneiros  
De algo que nos causa aflito  
Sim  
Para o nosso pesadelo  
Ou até mesmo acordar  
Somos hoje  
Prisioneiros do nosso próprio destino.

*19 de maio de 2020*



### **LORENA SILVA GOMES //**

Sou de Franca SP, curso o 1º ano do Ensino Médio, na escola Toulouse, sempre amei ser envolvida com a arte e depois que descobri que poderia usá-la para demonstrar o que sinto e percebo. Creio que muitos deveriam ler sobre alguns assuntos que permanecem escondidos, às vezes, até mesmo dentro de nós.



Domingos Carvalho da Silva dizia não existir o momento da inspiração. Poeta parnasiano com alguns livros publicados, professor da Universidade UNB, dizia que o escritor senta-se e escreve; ou não.

Jamais concordei com isso. Sempre tinha de estar extremamente sentimental ao escrever. Nunca pude sentar-me para escrever sobre algo determinado. Tinha de ser de momento, quando surgia a ideia. Por isso, muitas vezes, de madrugada, sentava-me à mesa da cozinha para rabiscar o que me vinha à cabeça.

Uma vez, passei uma crônica para que Cassiano Nunes, ensaísta de primeira da Universidade, desse-me o seu parecer. Ele desiludiu-me: “Somente a descrição de um fato” – disse-me. Entristeci. Enrijei. Passei muito tempo sem ter nada a dizer.

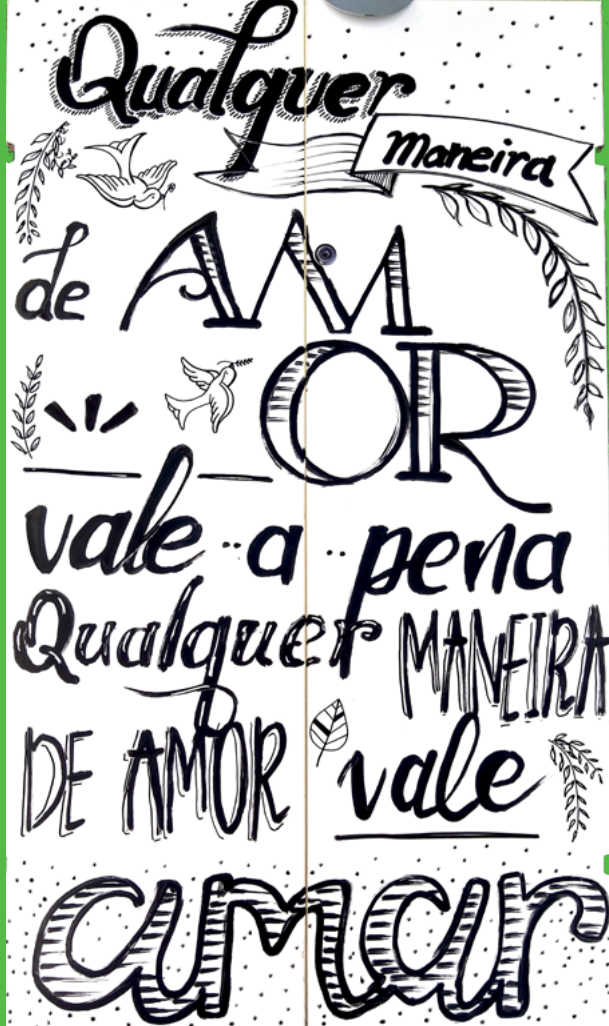
Hoje, pergunto-me se sei escrever. Um dia, disse a um amigo: “Escrevo porque é mais barato do que uma sessão de análise.”

*25 de junho de 2020*



### **MÁRCIA FERNANDES //**

É escritora e professora, formada em letras pela Universidade de Brasília. Nascida no Rio de Janeiro, imigrou para o interior de São Paulo na década de 80, onde estabeleceu raízes e permanece até hoje. Sua escrita tem tom memorialista onde a infância e o ambiente familiar são o alento de suas crônicas.



### MARCUS FLÁVIO DE ANDRADE //

Resisto na cidade de Franca, SP e labuto em processos artísticos autorais em artes visuais entre outros desdobramentos em cultura e educação. As minhas principais áreas de pesquisa e produção artística, são: arte urbana, instalação e pintura. Tenho pós-graduação em Arte Educação, Instituto Santista, Santos, SP (2016). Minha última exposição foi "Memória Presente", Pinacoteca de Bauru, SP (2019), última oficina foi "Autorretrato com Estêncil em Grandes Formatos", Programa Bolsa Cultura, Franca, SP (2019). Faço parte do grupo Laboratório das Artes de Franca.



Jardineira nervosa  
desconta na rosa.  
Poda a primavera,  
o pinheiro,  
os ramos do alecrim,  
derruba as bananeiras  
e os galhos do ingá-mirim.  
Pra trabalhar na terra,  
busca logo a moto serra.  
Lamenta por não ter a força de um peão,  
suando lágrimas no chão do sertão.  
Pobre coqueiro,  
pelado feito cajueiro.  
a babosa atropelada,  
a arruda agoniada,  
e o abacaxi que escapa pelos espinhos.  
Jardineira baderneira.  
espalha folhas pelo chão,  
pra aplacar a fúria do coração.  
O vento sussurrante  
vem anunciar a noite fria.  
De tão cansada,  
a jardineira  
se esquece que sofria.



**MARÍLIA BOTELHO SOARES DUTRA FERNANDES //**

É natural de Palmeira d'Oeste, SP. Formada em letras pela UNESP, em Rio Preto, é escritora e jornalista no Noroeste Paulista. A natureza, as mulheres e o clima de sua região são fontes de inspiração em sua escrita.



todo santo dia em casa  
domingo sem almoço de vó  
o funcionário avisou que não vem  
veja bem, isso não é uma guerra

um presidente despreocupado  
as instituições funcionando cegamente  
a morte não passa de um tédio  
não estamos em guerra

uma pandemia global não é uma guerra

treze mil covas à espera  
já não temos mais leitos  
caixões lacrados, lado a lado,  
em valas abertas

esto no es una guerra

aviões não decolam,  
portas não se abrem,  
brasileiros fazem filas  
pero no estamos en guerra

58 a América negacionista  
enterra seus heróis  
que não morreram por uma guerra

filas?

a diplomacia chinesa  
o escárnio dos imperialistas  
de Wuhan a Ohio não existe guerra

as presidiárias e seus filhos  
os presidiários e a tuberculose  
superamos o século XX, temos vacina para a gripe!  
questa non è una guerra

morrem enfermeiras, maestras, frentistas, compositores,  
kokamas, guaranis, tikunas, waraos  
o ar paulistano mais limpo  
os canais vienenses menos turvos

pavões pelas ruas de Madrid  
urubus pelos céus do Equador

duas centenas de milhares de óbitos  
e a *causa mortis* não é uma guerra

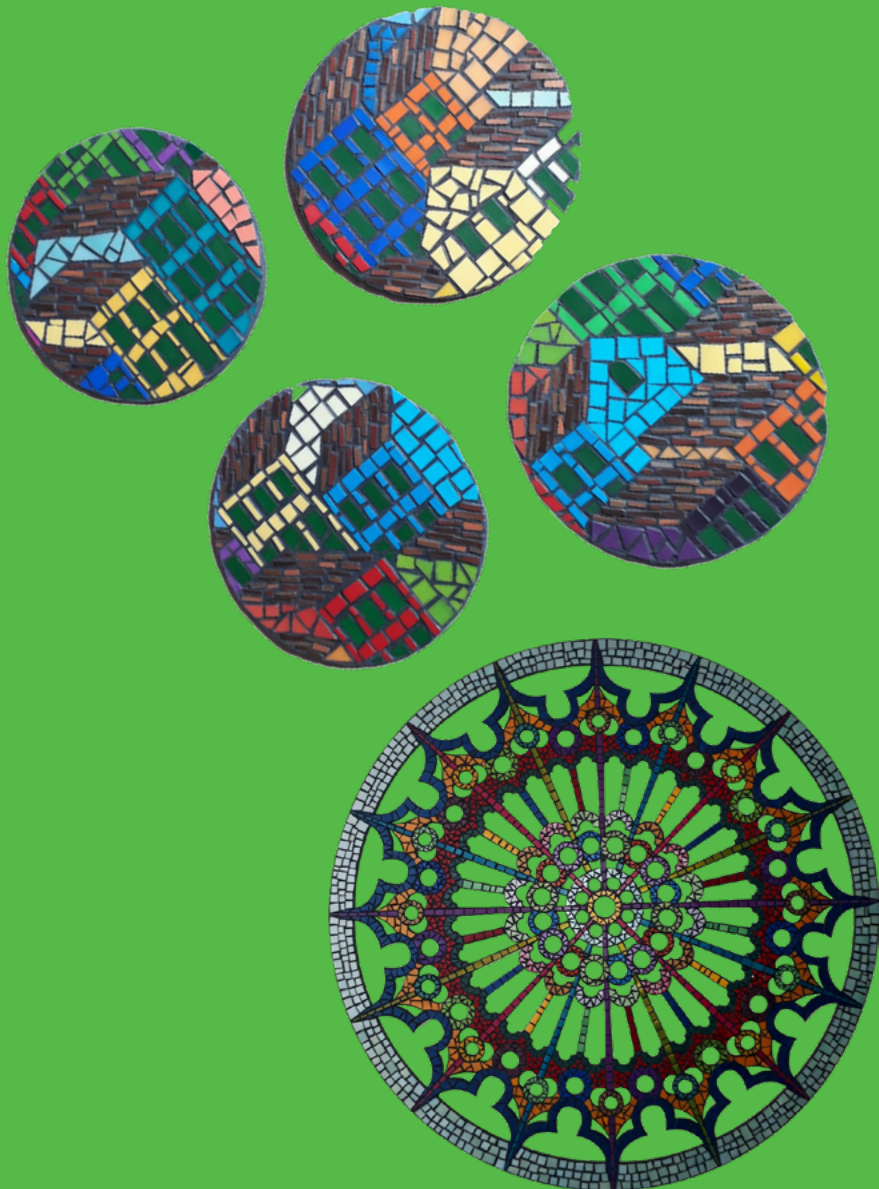
12 de maio de 2020



### PRISCILA LUANA //

Natural do noroeste paulista, é educadora, produtora cultural e nas madrugadas escreve contos, poesias, roteiros teatrais, ficção infantojuvenil. Divide seu tempo entre a maternidade, a escrita e algumas traduções.



**REBECA SIMAS //**

Formada em Design na UNEB e em Interiores na UFBA, foi consultora do Instituto Mauá durante oito anos e desde 2015 faz a curadoria do projeto Cesol em Salvador. Rebeca produz peças utilitárias e acessórios com reutilização de materiais.



Nunca me senti tão só  
Os sons da noite me deixaram  
em um canto apertado do meu quarto  
E por instantes tão indecifráveis quanto meus pensamentos  
Minha respiração pela metade  
E a divagar pelo adiantado da hora  
o tempo (por agora) parece eternidade  
Já é inverno e nem revisitei as prateleiras do outono  
E nem me preparei para o novo futuro  
Seja lá o que isso significa  
Ainda há traças e poeiras em alguns cômodos  
Aquela blusa da última compra ainda está com a etiqueta  
A leitura daquele livro não passou do prefácio  
As velas não foram acesas  
Nem a rolha do *pinot noir* retirada  
A toalha de linho com bainha bem cuidada  
Aguarda a posição e a hora marcada  
Assim como o par de vasos de cristal  
Que aguardam a promessa do lírio amarelo  
E a trilha sonora ansiosa pro começo  
“*What a difference a day made, twenty for little hours*”

Envolvem-me numa aura de tudo pode acontecer  
Apesar da insistência em demorar a acabar.

61

*25 de junho de 2020*

**TÂNIA MARA PINTO DE SOUSA //**

Francana. Pisciana. Professora. Mãe da Yasmin. Em casa temos os gatos, Chico e a Cléo, que dão leveza para os dias estranhos. Comecei escrever para traduzir o que cutucava o pensamento e o coração. Paralisei por um tempo, hibernei, e há pouco retomei. Escrevi, alguém leu, gostou e me empolguei, e aqui estou.



Ao encontro dos teus olhos, voo  
Pérola negra tu és, um tesouro sem mapa  
Bússola, pirata e capitão das minhas mãos  
Teu olhar, magistral dono e senhor dos meus desejos  
Pousa sereno nestes lábios teus  
Cúmplice e testemunha do meu palpar

*Brasília, 01 de junho de 2020*



**VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ //**

Nasceu na Argentina e mora no Brasil desde 2011. Professora de Português e cantora, é metida a ler clássicos em francês com ajuda de muitos dicionários, escreve quando fica triste ou está loucamente apaixonada e estuda piano quando a rotina deixa. Sua trajetória na escrita é breve, não assim na leitura e na música.



desculpe minha sonolência no morrer da tarde.  
a culpa foi dos pãezinhos de queijo que comi,  
tão euforicamente, que meu metabolismo esgotou-se  
a um acervo ambulante de gestos gastrópodes.

ou talvez o sono tenha vindo do furo da agulha  
no dedo médio, enquanto costurávamos cadernos,  
com o sangramento milimétrico abrindo passagem  
para alguma canção de ninar perdida de Hipnos.

mesmo assim, apesar da minha alma deitada,  
apesar da minha má educação como adulto,  
foi importante o que, lentos, os lábios contaram

ao teu pescoço nu — não foram beijos: foram  
mais como guerras silenciosas, balbucios  
dormentes, cicatrizes tateando palavras às escuras.

**VICTOR H. AZEVEDO //**

É ilustrador, tradutor, pesquisador, editor da Munganga Edições e poeta. Nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1995, e publicou inúmeros zines e plaquetes, como *Cachorro Morto* (Munganga Edições, 2017), *JBG* (Shiva Pressa, 2019) e *Ao vivo do deserto* (Ed. do autor, 2016).



Não é algo de agora mas sim, tenho sonhado muito é toda noite sonho de suar as mãos de gelar os pés, pesadelo temeroso uma quase visão... em reprise onde helicópteros oficiais cruzam o céu como enxame polinizador da mais impura cocaína.

Câmaras dos deputados tomadas pelo povo ajoelhados diante pastores performáticos pregando no púlpito e de repente já não era mais ali, eu me via sentindo as consequências de toda uma crença em mitos, discursos de ódio onde árvores tombavam aos prantos abafados por uma orquestra de homens e mulheres vestindo camisa amarela empunhando motosserras, entre eles tenores e barítonas repetiam uma espécie de ópera tragi-fascista e quando a última árvore caiu já não existia mais Amazônia era tudo pasto pra boi, galpões, grandes marcas de cosméticos, Startups onde flanavam imensas bandeiras norte-americanas...

Eu me via cortando limões, dosando cachaça para dois gringos de bochechas rosadas.

“Is veri good! I love caipirinhaaa! ...” com os olhos em brasa diziam os gringos que por fim , me davam uma garrafa pet com o rótulo “cloroquina” era a gorjeta que recusei sorrindo estendendo a eles meu dedo do meio e em mais um de repente daqueles, gringos o bar já não existiam e eu me via agora sentado em uma pracinha sem coreto e soldados de olhos tristes marchavam, trabalhadores saltavam ‘saltavam de coletivos lotados obrigados a fazer girar os moinhos da



economia , corpos atirados em covas parentes e amigos assistiam a tudo em lives transmitidas aos vivos...

65

E desse sonho eu sempre acordo banhado de suor um choro querendo sair eu sonhava realmente? Será? Porque ainda agora eu sinto que não...

*20 de junho de 2020*

**WARLEM DIMAS MARQUES //**

Sou ator, nascido na cidade de Contagem. Hoje vivo com minha companheira em Belo Horizonte. Também sou artista plástico autodidata e escritor.



Não temos garantias do amanhã.  
Hoje estamos, qual a certeza que amanhã estaremos?  
De que importará seu dinheiro acumulado?  
Pra onde irá o seu esforço em acumular bens materiais?  
O que você deixará na história é a mudança  
que você fez na vida das pessoas..  
Você somente será lembrado pelos pontos negativos  
e positivos que incluiu na vida delas.  
Sua conta vai ser o resultado da soma das coisas que vc fez.  
Dê bom dia a quem passar na sua frente.  
Aprenda a nutrir seus pensamentos.  
Seja seletivo com o que ouve, só guarde aquilo  
que te acrescenta e deixe sair pelo outro ouvido  
aquilo que não faz sentido pra vc.  
Ame os animais.  
Cuide das pessoas ao seu redor.  
- A vida é MUITO rara -  
Não existe uma fila do maior pro menor  
A fila é organizada de forma que não entendemos  
Vai idoso  
Vai criança  
Vai saudável  
Vai doente  
Vai  
Somente vai  
Deixe que quem se vá, leve consigo boas lembranças..

Deixe que quem fique tenha também boas recordações.  
Seja melhor  
Seja mais  
VALE A PENA!

67

*08 de julho de 2020*



**YANDARA OLIVEIRA //**

Descobriu aos 9 anos o amor pela poesia, encantada por literatura, aos 24 decidiu compor uma nova história inspirada no legado de sua irmã de 6 primaveras: A META DA VIDA É O AMOR.



Acordei de madrugada com vontade de fazer xixi. Virei de lado, achei que ia passar, não passou. Levantei e sentei na privada. Vi uma lagartixa no gaveteiro. Acho que tá morta. Algum gato matou. Levantei. Ela sumiu. Bom, tava viva. Voltando pra cama a gata mia, queria comida. Fui no escritório coloquei comida pro gato. Deitei. Nada de sono. Aqui de casa a gente consegue ouvir o barulho da rodovia de madrugada. É um ruído constante, uma interferência permanente. Às vezes um barulho mais alto, um carro, um caminhão, uma buzina. Uma moto passa correndo. Ou o trem. Que dá pra ouvir de qualquer canto da cidade. Mas a rodovia emite um som constante, um ruído, uma interferência. Como se o barulho de todos os carros rodando em algum ponto do estado chegassem equalizados até nossas casas. E de madrugada a gente ouve esse ruídos constantes que é meio eco, meio interferência. É o barulho de mundo. E esse barulho de mundo a gente só ouve mesmo de madrugada. Quando acorda e não consegue mais pegar no sono. Quando a pessoa do seu lado está quente, roncando e com aquele cheiro de sono. Quando a maioria das pessoas está dormindo. Ou fazendo coisas que normalmente não são feitas à luz do dia.

O barulho que o mundo faz quando a gente se retira do mundo é o verdadeiro barulho de mundo. Talvez até não sejam carros mas o som que a terra faz esse ruído da madrugada. E nunca saberemos porque se resolvermos todos nos levantar e procurar o barulho do mundo ele vai sumir, vai ficar

em silêncio, vai virar barulho de mundo com gente. Eu gosto do barulho de mundo sem gente. Mas gosto de ser gente pra escutar esse barulho e saber que esse é o barulho que o mundo faz sem a gente. Tenho até um poema sobre isso. Sobre o barulho do mundo. Mas eu não sabia ainda que chamava “barulho do mundo”. *A poesia habita a penumbra / e vem no vácuo de um caminhão / na vocalização do trem solitário / naquele primeiro pássaro acordado.* Não é um poema incrível. Mas é um poema que eu fiz numa noite igual a noite passada. Que eu acordei de madrugada e fiquei ouvindo o barulho do mundo e pensando palavras e senti que precisava ficar correndo atrás das palavras. Perseguindo as palavras pra elas não fugirem no meio da madrugada. Aí a gente entra naquele modo de pensar em palavras e perseguir palavras.

Vi uma vez que a Clarice gostava de acordar de madrugada para escrever. Ontem eu entendi porquê. Porque dá pra ouvir o barulho do mundo. Porque dá pra fingir que o barulho do mundo não é feito por gente. Porque de madrugada a gente pensa com palavras dançando dentro da cabeça. Com palavras perseguindo o trem, o carro, a moto. Palavras correndo a 100 km/h na rodovia e emitindo um ruído constante. Eu pensei em levantar e escrever. Como a Clarice fazia. Pensei nossa acho que vou escrever essas palavras, acho que vou levantar, ligar o computador e escrever as palavras, e perseguir as palavras. Vou fazer como fazia Clarice, como fazem as escritoras. Eu não levantei, eu fiquei ouvindo o barulho do mundo, pensando com palavras e fazendo a oração do anjo da guarda pra poder pegar no sono porque a essa altura eu já estava começando a sentir medo do dia seguinte. Já estava começando a sentir medo do dia, da luz e da falta do barulho do mundo. E da impossibilidade de ouvir o barulho do mundo

70 que nos acomete quando está dia e quando se tem trabalho a fazer. Eu rezei e decidi que iria escrever depois, quando estivesse acordada. Que iria contar com a sorte, que mesmo nessa hora de incapacidade eu conseguiria minimamente perseguir as palavras, lembrar de como elas dançaram na madrugada. Que iria escrever alguma coisa sobre o barulho do mundo. Qualquer coisa serviria, no fim, pois escrever não é o mesmo que ouvir.

*15 de junho de 2020.*



### YASMIN BIDIM //

Vive na cidade de São Carlos/SP. É formada em cinema e doutoranda em Estudos de Literatura pela UFS-Car. Trabalha como produtora cultural, VJ, educadora e pesquisadora de arte e cultura. Produz o canal de *Poesia em Obra*, no youtube e também escreve o blog *A Terra é Plena*. Em 2020 lançou pela Penalux seu primeiro livro de poemas, o *Livro dos Interiores*.



O sol brilha lá fora. A mãe limpa o filho ansioso. Já ficaram tempo demais em casa, em meses de pandemia. Leandro, mãe, pai, Aila que lambe sem dó. Mas agora, Leandro, Kernicterus, quer correr. Ele é mais rápido que Velociraptor. A mãe o leva pra fora, sente o vento, vibra. Ops, hipertonia! É a ansiedade. Mãe controla o espasmo dele, afaga. Ele, de olhos fechados, abre os braços e corre, sem sair do lugar, o vento na cara, a imaginação solta. O doutor chega, o mesmo fisio-



72 terapeuta que o atendeu meses atrás. Leandro breca, bufa, irritado. “Se hipertonia fosse voluntária, te acertava”, grunhe. Mãe empurra a cadeira de rodas até o rapaz de branco, pede calma. O filho acata, sabe que precisa segurar explosões emocionais. “Na consulta, meses atrás, faltei com o devido respeito. E precisava vir me desculpar”. Leandro ruge, concorda. Espasticidade. Mãe se preocupa, atenta a qualquer movimento. O filho abre sorriso, grunhe. Ela traduz: “Ufa, ele ta dizendo que ta tudo bem, doutor. Só quer ser tratado como igual, de homem pra homem, sem ser limitado ainda mais pelo que já o limita demais”. A mãe deu o recado, traduzindo o filho. “Amigos?”, pergunta o doutor. “Não é uma fisio bonitona, mas, tudo bem... Amigos!”, grunhe Leandro levantando o braço em afirmação. Vento.

*Crônica escrita em homenagem a Leandro,  
meu amigo, inspirada em fatos reais.*

*13 de junho de 2020.*

### ZÉ GUILHERME //

(Araraquara, 1991) Caipira cosmopolitano, minha alma é caipira e meu corpo é do mundo. Sou contador de histórias, por dramaturgia, roteiro, prosa e oralidade. E facilitador em comunicação e expressão através do teatro, tendo trabalhado na Fundação Toque com pessoas com deficiência. Desde 2015 trabalho sob a marca Menino Andante, atuando em diversas vertentes de produção cultural.







Ao clicar na imagem, você poderá conhecer mais do trabalho da talentosíssima Camila Souza.

## Artefato Edições

rua dos uirapurus, 187  
jardim primavera 14404 030  
franca sp  
brasil

[+55] 16 981 895 764

[www.artefato.art.br](http://www.artefato.art.br) / [conjuntoartefato@gmail.com](mailto:conjuntoartefato@gmail.com)

comissão editorial // gabriel galbiatti nunes & lígia sene & victor prado  
assistência editorial // nayen tenani  
projeto gráfico // victor prado  
capa // camila souza

Respeitando as variantes do português, a coordenação editorial decidiu manter a grafia original de cada texto, segundo a escolha da/o respectiva/o autor/a e tradutor/a.

habitat, 03 // franca, sp: artefato edições, 2020. 76 p. ; A5.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Prosa brasileira.

CDD B869.8



**HABITAT** é nossa publicação digital / emergencial / gratuita / de periodicidade indefinida. Ela se utiliza da Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

edição 04 / julho / 2020

